**UM-CORPO VIVÍVEL**[[1]](#footnote-1)

**Carmen Silvia Cervelatti**

“...o que não sei fazer desconto nas palavras...

- Imagens são palavras que nos faltaram.

- Poesia é a ocupação da palavra pela Imagem.

- Poesia é a ocupação da Imagem pelo Ser.*[[2]](#footnote-2)*

A prevalência da imagem no mundo atual, sua presença maciça associada a uma exigência superegoica, tem por efeito uma escravatura do mais-de-gozar pela via do consumo, da exposição do privado no público e da mostração. Estamos numa época em que pouco se espera do Outro, favorecendo o imaginário como meio do corpo ganhar consistência para fazer frente ao real e “garantir” sua existência. Isso deixa o sujeito só com seu gozo neste mundo fugidio, exposto ao olhar supervigilante, que muitas vezes não se sabe desde onde se é olhado. As imagens são criadas e utilizadas em profusão e, como isso faz tanto sucesso e se prolifera, significa que há um fracasso para ancorar o real, já que o simbólico não cumpre esta função. Mais uma tentativa de suprimir o mal-estar na cultura pelo uso e abuso das imagens e do corpo. As intervenções e inscrições que este sofre, aparecem como meio para tratar o mal-estar.

De acordo com Miller[[3]](#footnote-3), a psicanálise do século XXI se renova e avança “a partir de peças diversas, de diferentes épocas, tomadas emprestadas de Freud e de Lacan”. Da mesma forma que a psicanálise se renova com peças que se enlaçam temporalmente, também os psicanalistas devem ser capazes de situar sua prática na atualidade para tratar o corpo falante, como Lacan situa a partir do Seminário 20, até porque os sintomas denotam, de alguma maneira, a configuração do contemporâneo. Assim, podemos aproximar a atualidade à concepção de contemporâneo de Agamben[[4]](#footnote-4), que guarda uma relação singular com o próprio tempo, aproximando-se e se distanciando dele, simultaneamente; um tempo “atrasado” e outro “adiantado” interagem, como querendo dizer um “não mais” e um “ainda não”, propiciando uma relação particular com o passado e com o futuro.

Em Lacan, há ênfase na tríade, que se fez sempre presente em todo o seu ensino, dos registros real, imaginário e simbólico. Também no tempo lógico, no qual três tipos de temporalidade se enlaçam para precipitar uma resposta, passado, presente e futuro convergem naquilo que é possível decidir ou dizer sobre determinada coisa.

O neologismo de Lacan, “falasser”, corpo falante[[5]](#footnote-5), contemporâneo de seu último ensino, ao aproximar o corpo em sua vertente imaginária e simbólica, isto é, um corpo que serve para falar, substitui o inconsciente freudiano e está mais de acordo com os novos tempos. Interrogar o imaginário e sua prevalência em nossos dias, como propôs Miller no texto acima citado, abriu um campo de questões: como tratar o corpo falante? Em que o imaginário permite ou dificulta o manejo em nossa clínica? De que imaginário se trata da clínica atual? O que a clínica nos ensina?

**A consistência do imaginário é o corpo**

Há uma mudança de estatuto do imaginário nos últimos seminários de Lacan. No início, ele enfatizava o imaginário ao tratar da constituição do sujeito via Estádio do Espelho, demonstrando o valor constitutivo da imagem do corpo do semelhante, do corpo próprio e do reconhecimento desta identificação imaginária pelo Outro simbólico. Com a noção do inconsciente estruturado como uma linguagem, o simbólico adquiriu maior importância; Lacan insistiu na capacidade reguladora do gozo pelo significante de tal maneira que o imaginário foi menos trabalhado, inclusive bastante desvalorizado. É a partir da formulação do objeto a, que se encontra entre o real e o simbólico[[6]](#footnote-6), que os outros dois registros serão ressignificados, cada um deles terá o mesmo valor.

Serge Cottet[[7]](#footnote-7) lembra que para Freud o corpo é suporte para a imagem do eu. Ele é definido como a projeção de uma superfície, sem a parte de dentro, com duas dimensões: a imagem narcísica da unidade e a borda pulsional, anatomicamente furada. Também propõe dois períodos do ensino de Lacan para tratar da relação do corpo com o inconsciente: 1) “A comunidade de estrutura entre o inconsciente e o funcionamento da pulsão”, explicitada a partir do Seminário 11, com a descrição da pulsação temporal do inconsciente. O corpo é mortificado pelo significante e o *objeto a* recupera o gozo; 2) A concepção pós-joyceana, onde o corpo não é mais considerado pela via da pulsão, mas pelo acontecimento de corpo. “O corpo é descrito não como uma falta, mas como um a mais [...] existe como um saco de pele, vazio, de fora e ao lado de seus órgãos [...] a consistência desse corpo é a de um conjunto vazio.” Por isso é passível de consistir.

O Estádio do Espelho é a primeira estrutura do mundo primário do sujeito, um mundo muito instável, onde reina o transitivismo entre o eu e seus objetos. Há uma mudança de perspectiva[[8]](#footnote-8),na qual há importância renovada do corpo e do imaginário feita por Lacan; não se trata da volta ao Estádio do Espelho, mas de uma orientação para o sintoma dada pela clínica borromeana, cujo paradigma é *Joyce, o sinthoma*. Se no Estádio do Espelho tratava-se de um menos, no último ensino há um mais dado pelo quarto elemento, o sinthoma. “É diante do abandono do domínio simbólico que se institui o novo imaginário concebido como contíguo ao real do gozo. Essa ‘homogeneidade com o real’ [Seminário 23, p. 19.] se deduz da própria postulação de que a sustentação da imagem se faz por meio do objeto resto. Esse imaginário, definido como imagem que se apoia no corpo, pode-se impor no desfecho da experiência da análise.[[9]](#footnote-9)”

Assim, ao acompanharmos a transformação no imaginário a partir das reflexões atuais sobre o falasser, o que implica a clínica atual e os sintomas, devemos levar em conta o corpo, necessariamente. Em seu último ensino, notadamente no Seminário 23: o sinthoma, Lacan enfatizou que o corpo “se goza” porque está vivo, porém “que o corpo goze não significa que ele seja vivível, seja suportável...”[[10]](#footnote-10). Trata-se de um tipo especial de narcisismo, um “ego” diferente daquele do eu e seus semelhantes: “o que estava investido na relação com o Outro está aqui redobrado sobre a função originária da relação com o próprio corpo, do qual há uma ideia, ideia de si mesmo [...] Lacan sublinha que o ego se estabelece a partir da relação com Um-corpo. Não há aí identificação, há pertinência, propriedade. […] Tem a ver com o amor, porém não o amor ao pai e sim o amor próprio, no sentido do amor do Um-corpo”[[11]](#footnote-11). É por esta vertente do amor de si que corpo e imagem se conjugam. O homem ama sua imagem como seu corpo, aquilo que ele tem de mais próximo, e “de seu corpo ele não tem estritamente nenhuma ideia. Ele crê que seja eu. Cada um crê que seja ele. É um furo. E depois, fora, há a imagem. E com essa imagem ele faz o mundo.”[[12]](#footnote-12)

Eis aí a razão da adoração dos corpos, tão presente e cultuada em nossos dias. Ter um corpo é crer que o corpo é um objeto disponível, que se pode fazer o que quiser nele e com ele, porém há limites, aqueles entre vida e morte. Por isso ele escapa, fisicamente, tal qual a imagem, como acontece na anorexia mental. Um-corpo, sua unidade, é a única consistência do *parlêtre*, consistência mental, não física[[13]](#footnote-13), demonstrando a integração necessária do corpo com o Imaginário. A palavra consistência[[14]](#footnote-14) se relaciona à antiga noção de sistema, é aquilo que se sustenta junto: “a imagem do corpo tem como função manter juntas as peças avulsas”[[15]](#footnote-15). Ou seja, a consistência envolve o enlaçamento dos três registros.

Éric Laurent[[16]](#footnote-16) também aponta a este aspecto do vivível no imaginário atual: é “o imaginário uma vez que ele nos dá as coordenadas fundamentais para viver nesse mundo”. Este ponto orienta a clínica, pois quanto mais o Outro é inoperante, inexistente, mais o corpo tende a consistir para buscar algum acordo com o real, lá onde a relação sexual não existe, lá onde não há lei.

***A consistência do imaginário na clínica atual***

Uma atenção maior por parte do analista do *parlêtre* é importante quando o paciente se refere ao corpo, a doenças, acontecimentos de corpo. Também nas primeiras sessões, o privilégio dado ao corpo em nossas discussões atuais, nos leva a não desprezar falas que antes não eram valorizadas.

O real foracluído do sentido é um fato de estrutura, ou seja, é comum a todos os *parlêtres*; é a foraclusão generalizada. Seria preciso, então, imaginar algo lá onde o pedaço de real não inclui o sentido? Desde que o significante é causa material do gozo, para o tratamento do *parlêtre* seria necessário marcar um significante que localize, que fixe um gozo repetitivo?

Todos apresentam particularidades em seu “fazer um corpo”. Na neurose, por haver referência ao Outro, ao desejo do Outro, o imaginário ganha uma consistência fálica, cada um com sua maneira de preencher o corpo como saco vazio, com sua ex-sistência e consistência de pote[[17]](#footnote-17). E nos outros casos, qual a relação com o fazer um corpo? Enquanto substrato para o gozo, como suportar um corpo, como torná-lo vivível, que coordenadas são possíveis para fazer consistir um corpo? Trata-se de tratar o real pelo imaginário?

Três casos clínicos servirão de apoio para discutirmos a clínica atual e seus diferentes manejos na direção do tratamento, tendo em vista o corpo e o imaginário.

Apesar do corpo esbelto, S. usa roupas que não marcam seu corpo, para ela ainda gordo, desde a puberdade, quando vestia roupas largas para escondê-lo. Malha loucamente na academia e dedica-se a vestir o corpo impecavelmente para fixar uma imagem de mulher perfeita, também dada pela maneira como responde à suposta demanda do Outro: sendo tudo para ele. É assim que S. dá sustentação ao corpo; trata-se de uma montagem, uma imagem mental que funciona como véu para extrair o olhar de admiração do Outro. Tal montagem se instalou a partir da suposta perda do lugar privilegiado de amor pelo nascimento de outra criança, uma irrupção de real. Graças à pontuação do sintoma de esconder o suposto corpo gordo com as roupas, se dá conta da busca da perfeição, o que faz vacilar a identificação imaginária e o gozo, abrindo uma brecha à questão do desejo, porém acompanhada de muita angústia, sinal do real.

Quando Lacan postulou que para além da imagem há algo que não se pode ver, foi uma reformulação do princípio da simetria entre o eu e seus objetos — o Imaginário no Estádio do Espelho, incluindo a angústia de castração. “Ao contar com o simbólico, a imagem se faz tela daquilo que não se pode ver. Isso indica que há objeto, ao mesmo tempo em que se denuncia sua falta; isto é, a falta de objeto se transforma em objeto”[[18]](#footnote-18). No Seminário 4[[19]](#footnote-19), Lacan postula que sobre o véu é projetada uma imagem que permite ao objeto assumir o lugar da falta e também ser o suporte do amor, mas na medida em que não seja o ponto onde se agarra o desejo. O objeto aparece como ilusório e valorizado enquanto tal, porém mais-além do objeto há o nada, o falo que falta à mulher. Estes objetos estão na posição do véu, entre o sujeito e o objeto. Encontram-se aí também as bases da formulação da fantasia no neurótico: o *objeto a* vem ocupar essa função de velar a falta, o vazio, o furo, e deve perder consistência imaginária pela operação de seu atravessamento numa análise.

Com isso, percebe-se a importância do véu no império das imagens. Lacan, ao questionar se o objeto responderia a algum imaginário[[20]](#footnote-20), disse: “Não é senão da vestimenta da imagem de si, que vem envolver o objeto causa do desejo, que se sustenta mais frequentemente – é mesmo a articulação da análise – a relação objetal.” Ou seja, 16 anos depois ele conserva o que já havia postulado no Seminário 4, o que vemos também na afirmação: “o que faz aguentar-se a imagem é o resto”[[21]](#footnote-21). “Com o intuito de perceber de que modo o amor e a imagem convergem, sob a égide dos restos de gozo no corpo, recorre-se à fórmula de que “o hábito ama o monge”. Um não existe separado do outro, ou seja, estão tão intimamente atrelados que os dois fazem Um. Para além do invólucro, o hábito constitui-se no índice do que no corpo do monge se configura como seu modo de gozo”.[[22]](#footnote-22)

O corpo de S. compartilha com o corpo idealizado que a cultura propaga, estigmatizando-o pela beleza transmutada em potência fálica; são corpos construídos para o desejo do Outro. Na medida em que não é o corpo que dá a ver, é a vestimenta, o “hábito que veste o monge”, isso declara, neste caso, o valor de sintoma. No entanto, é por este artifício que se vê e se faz amável. O gozo de tornar-se linda recobre o gozo opaco do sintoma, esta a via privilegiada na direção do tratamento, o esvaziamento do gozo.

As duas vinhetas clínicas abaixo compartilham que a existência, na atualidade, das redes sociais e das relações virtuais pode ser um instrumento benéfico na direção do tratamento quando nem a significação fálica nem uma imagem funcionam como véu para cingir um acordo com o real, convocando que o analista empreste seu corpo e seu olhar enquanto presença de carne e osso ou de forma virtual, ou mesmo enquanto testemunha, o que difere da posição transferencial e dos manejos do caso anterior.

“Um corpo desengonçado, expressões pouco definidas, fala entrecortada. Homem ou mulher? Adolescente ou adulto? Assim apresentou-se à análise este paciente: uma imagem despedaçada que lhe deixava num lugar de profundo ostracismo. Após anos de análise, despe-se na sessão e se fotografa travestido, com peruca loira, sutiã e batom vermelho, escondendo os genitais, cena testemunhada em silêncio pela analista. Na sessão seguinte, traz os apetrechos utilizados na cena e pede à analista que dê um destino a eles, pois percebera que ‘não era por aí’. Segue-se novo e inédito momento na análise, em que o paciente começa a fotografar ‘artisticamente’, segundo o significante por ele utilizado. Após certo caminho percorrido, fotografa corpos nus, até chegar em seu próprio corpo. Publica fotos no facebook, algumas explícitas de seus genitais, gerando a censura e o bloqueio pela rede social. A análise trabalha formas de tornar possível o compartilhamento de suas fotografias. Por meio de um perfil falso, publica-as, agora distorcidas, sombreadas, deformadas, para passarem ‘desapercebidas’ pela censura e serem, desta forma, compartilhadas. A constituição deste ‘véu’ a encobrir a imagem pode vir a instaurar, ainda que de forma tênue, um elemento simbólico no imaginário, permitindo ao sujeito algum nível de inserção no laço social[[23]](#footnote-23).”

“Já em sua primeira entrevista, pesando 153 kg, fala que procurou análise porque não aceitou a indicação para fazer a cirurgia bariátrica; temia o insucesso. Apesar de enunciar seu interesse em perder peso, as queixas se associavam a uma dificuldade para obter satisfação fora de casa e de seu apego materno conflituoso. Filho único e exercendo uma atividade profissional em sua residência, Fábio havia comprado uma televisão ainda maior, para assistir séries de TV e se empanturrar de guloseimas. As investidas para abandonar tais estratégias de satisfação foram angustiantes e vieram acompanhadas de duas imagens impositivas envolvendo personagens religiosos com os quais ele protagonizava atos sexuais. Angústia semelhante era experimentada quando perdia peso. Será que nestes contextos o que estava em jogo era o risco de desaparecer? Fábio tentava, sem sucesso, se defender destas imagens angustiantes por meio de rituais, fazendo uso de sequências intermináveis de orações religiosas. Na condição de ser falante, quando convocado a se representar, surge um vazio, o Outro invade. Para a pergunta “quem sou eu?”, responde com: ‘aquele que pensa/vê obscenidades’. No decorrer do tratamento, o analista se dispôs a ver as fotografias que Fábio mostrava em seu celular e, com o tempo, passou a ser frequente o envio de *selfies* para o analista, nos intervalos das sessões, por meio de aplicativos na internet. Atualmente, Fábio pesa 30kg a menos e fez uma viagem para o exterior; do lado do analista, fica o preço de acompanhá-lo, virtualmente[[24]](#footnote-24).”

Nestes dois casos, com o fim de reparar o defeito do nó, de recuperar suas propriedades borromeanas, seriam intervenções que podem não apontar para a estabilização definitiva, mas que produzem certo apaziguamento, talvez momentâneo, que permite ao sujeito avançar na análise rumo a Um-corpo vivível?

Resta ainda o ultimíssimo ensino de Lacan em que o simbólico fala, mas o real não, porém nele há saber, um saber que não fala: “é o saber das coisas que sabem como comportar-se”[[25]](#footnote-25). Já o imaginário é rico, florido, está sempre equivocado e deve ser esvaziado. Em que medida nós analistas devemos também esperar menos do simbólico e mais do imaginário para favorecer a construção de “um tecido” para o real? No Seminário O Momento de concluir, Lacan propôs a imagem como “uma unidade válida, o que significa que aparece como um real”[[26]](#footnote-26). O imaginário, o corpo, o tecido, é o recurso que resta, já que o real não fala e o simbólico fala, mas mente. E Miller prossegue perguntando se seria uma solução à hiância entre o imaginário e o real. Uma homogeneidade entre os dois? já que entre o simbólico e o imaginário há uma tendência à continuidade, denotadas pelo sonho, a poesia, a filosofia, o fantasma e o delírio. Estas são bases para uma clínica a ser depreendida de depoimentos do passe.

1. Participaram deste trabalho Carmen Silvia Cervelatti (coordenação), Cássia Maria Rumenos Guardado, Daniela de Camargo Barros Affonso, Mariana Galletti Ferretti, Maria Cecília Galletti Ferretti, Maria de Lourdes Mattos e Niraldo de Oliveira Santos. [↑](#footnote-ref-1)
2. Barros, Manoel. Retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada, in Meu quintal é maior do que o mundo. RJ: Objetiva, 2015. [↑](#footnote-ref-2)
3. MILLER, J-A. O inconsciente e o corpo falante, in http://www.wapol.org [↑](#footnote-ref-3)
4. AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. SC: Argos, 2009. [↑](#footnote-ref-4)
5. LACAN, J. O seminário, livro 20: Mais, ainda. RJ: Zahar Ed.,1982, p. 163. [↑](#footnote-ref-5)
6. Idem, p.121. [↑](#footnote-ref-6)
7. Cottet, Serge. “As referências freudianas sobre o corpo”, in site do Congresso da AMP de 2016. [↑](#footnote-ref-7)
8. SPINEL, M.F-C. Imagem, in Scilicet: Semblantes e Sinthoma, p. 152. [↑](#footnote-ref-8)
9. SANTIAGO, J. O novo imaginário é o corpo, Papers 4, O corpo falante, AMP 2014-2016. [↑](#footnote-ref-9)
10. CUÑAT, Carmen. Corpo, In Scilicet: A ordem simbólica no século XX. BH: Scriptum Livros, 2011, p.80. [↑](#footnote-ref-10)
11. MILLER, J- A, El ultimísimo Lacan, BA:Paidós, 2013, p. 108. [↑](#footnote-ref-11)
12. LACAN, J. O fenômeno lacaniano, in Opção Lacaniana Revista Internacional de Psicanálise nº 68-69, p.18. [↑](#footnote-ref-12)
13. MILLER, J- A., El ultimísimo Lacan, BA:Paidós, 2013, p. 108. [↑](#footnote-ref-13)
14. Caráter de um pensamento que não é fugidio e imperceptível, nem contraditório; firmeza lógica de uma doutrina ou de um argumento; Caráter do que é sólido, e não depende do arbitrário, ou de circunstâncias acidentais, mas possui qualidades de permanência e de objetividade. In Lalande, A. Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie – PUF, Paris, 1972, p. 177. [↑](#footnote-ref-14)
15. SPINEL, M.F-C . Imagem, in Scilicet: Semblantes e Sinthoma, p. 152. [↑](#footnote-ref-15)
16. LAURENT, É. “Falar com seu sintoma, falar com seu corpo”, in Correio, n.72, SP, 2013, p. 19-20. [↑](#footnote-ref-16)
17. LACAN, J. O Seminário, livro 23: o sinthoma. RJ: Jorge Zahar Ed., 2007, p.19. [↑](#footnote-ref-17)
18. NITZCANER, D. “Imaginário”, in Scilicet: Um real para o século XXI, BH:Scriptum, 2014, p.197. [↑](#footnote-ref-18)
19. LACAN, J. O seminário, livro 4: a relação de objeto. RJ: Jorge Zahar Ed., 1985. [↑](#footnote-ref-19)
20. LACAN, J. O Seminário, livro 20: Mais, ainda. RJ: Zahar Ed.,1982, p.125. [↑](#footnote-ref-20)
21. Idem, p. 14. [↑](#footnote-ref-21)
22. SANTIAGO, J. O novo imaginário é o corpo, Papers 4, O corpo falante, AMP 2014-2016. [↑](#footnote-ref-22)
23. Caso apresentado por Daniela de Camargo Barros Affonso. [↑](#footnote-ref-23)
24. Caso apresentado por Niraldo de Oliveira Santos. [↑](#footnote-ref-24)
25. MILLER, J. A. El *ultimísimo* Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2013, p.228. [↑](#footnote-ref-25)
26. Idem, p.258. [↑](#footnote-ref-26)